

Renan Calheiros lidera Congresso

Consenso em torno de nome de senador alagoano torna eleição para Senado sem disputa

Daniel Pereira e Agência Brasil
de Brasília

No próximo dia 14, o senador Renan Calheiros (PMDB-AL) será eleito presidente do Senado e líder máximo do Congresso. Chegará ao topo do Poder Legislativo, segundo colegas e especialistas, graças à extrema habilidade na arte da negociação política, uma qualidade cada vez mais cara ao Palácio do Planalto diante dos contratempos provocados no Parlamento pelas próprias lideranças governistas.

Líder do PMDB, Renan tem sido peça-chave, por exemplo, nas discussões sobre a reforma ministerial, auxiliando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva a traçar mudanças na Esplanada dos Ministérios e na direção de estatais que ampliem a base de apoio ao governo nas duas Casas do Parlamento.

"Ele é um bom soldado do PMDB, está nas trincheiras há muito tempo e tem carregado muito piano", avalia o cientista político David Fleischer.

Compartilha da mesma opinião o senador Ney Suassuna (PB), apontado como favorito a suceder Renan na liderança do PMDB no Senado. "Ele é um de nós, é um soldado. É diferente do José Sarney, que é ex-presidente da República e imortal (da Academia Brasileira de Letras). Um a gente trata por senhor, o outro pelo nome", declara Suassuna, ressaltando que Renan, ao compor a fileira dos comuns, manterá o suposto clima de harmonia existente no Senado.

De acordo com Suassuna, a gestão de Renan será de pequenos aperfeiçoamentos em relação à de Sarney. Não haveria uma ruptura traumática na condução da Casa porque o processo de sucessão teria sido pautado em um acordo po-

lítico, evitando o desfecho clássico que opõe vencedores e derrotados em disputas políticas. O fato é que tal acordo é recente e inclui até mesmo a indicação da senadora Roseana Sarney (PFL-MA) ao rol de ministeriáveis.

Enfrentamento

No ano passado, Renan teve de enfrentar José Sarney e João Paulo Cunha (PT-SP) para derrubar a emenda constitucional que garantiria aos dois o direito de concorrer à reeleição para as presidências do Senado e da Câmara. Venceu a disputa de forma apertada, por menos de dez votos, e apesar do empenho do ministro José Dirceu (Casa Civil) em garantir a aprovação do projeto. O episódio aumentou o prestígio do líder peemedebista entre seus pares.

Segundo o Departamento Inter-sindical de Assessoria Parlamentar (Diap), Renan apareceu em sétimo lugar na lista dos parlamentares mais influentes do Congresso em 2004 por, entre outros motivos, ter decretado a morte das pretensões de Sarney e João Paulo.

Em 2003, o senador não ficou entre os dez mais votados. Outra característica associada a Renan é a capacidade de se reerguer politicamente.

Em 1990, era líder do governo de Fernando Collor de Mello na Câmara. Abandonou o barco antes do impeachment do ex-presidente, quando foi preterido na escolha do candidato do Planalto (Geraldo Bulhões) ao governo de Alagoas.

Em 1994, foi eleito pela primeira vez ao Senado, com cerca de 235 mil votos. Desde então, está de volta à base de apoio ao governo. Primeiro, ao de Fernando Henrique Cardoso, entre 1995 a 2002, no qual chegou a ocupar o cargo de ministro da Justiça.

Agora, na gestão de Lula, como líder peemedebista ajudou o Planalto a aprovar vários projetos considerados prioritários e tem a simpatia da base do governo. Como costumam lembrar os parlamentares, a título de elogio e crítica, Renan está mais do que calejado com os meandros do poder.



Renan Calheiros

Câmara

A bancada do PT vai se reunir logo após o Carnaval para tratar da eleição da Mesa Diretora da Câmara dos Deputados, marcada para próximo dia 14. No encontro, provavelmente um dia antes do pleito, os parlamentares vão fazer os últimos acertos e indicar o nome de um parlamentar para ocupar o cargo de suplente.

Segundo acordo firmado entre os líderes partidários, os deputados candidatos a um dos onze cargos da Mesa Diretora poderão fazer

suas inscrições até as 15h do dia 14 de fevereiro. A eleição começará logo em seguida, às 16 horas, sem horário para término.

Até agora, disputam o cargo o candidato oficial do PT, Luiz Eduardo Greenhalgh (SP), o candidato avulso do PT, Virgílio Guimarães (PT-MG); José Carlos Aleluia (PFL-BA), Severino Cavalcanti (PP-PE) e Jair Bolsonaro (PFL-RJ).

Dos cinco, apenas José Carlos Aleluia ainda não registrou oficialmente seu nome na Secretaria-geral da Câmara. A expectativa é de que o candidato formalize sua candidatura no dia 10 de fevereiro.

O excesso de concorrentes à Presidência da Câmara pode levar a disputa para o segundo turno, caso nenhum candidato obtenha, na primeira votação, a maioria absoluta (metade mais um) dos votos válidos.

No Senado, não haverá disputa para a Presidência da Casa. Os congressistas decidiram respeitar o princípio da proporcionalidade partidária e vão apoiar o candidato indicado pelo PMDB, senador Renan Calheiros (AL).

Nos demais cargos da Mesa Diretora do Senado, as indicações dos partidos foram acatadas pelos senadores e não há disputa pública entre os candidatos.